

Arte heroica e nacional ou nada – as interseções entre arte, política e história no Brasil pós-Bolsonaro

Bruno Bentolila¹

Resumo: Neste texto indaga-se sobre uma possível concepção de arte a partir dos pressupostos bolsonaristas que alimentaram uma verdadeira inquisição contra uma arte plural e diversa durante o período de 2019 a 2022, ainda que suas raízes tenham sido plantadas um pouco antes. Essa ideologia culmina no ataque em Brasília em 8 de janeiro de 2023.

Palavras-chave: *ideologia, bolsonarismo, arte, arte brasileira.*

Heroic and national art or no art at all – the intersections between art, politics and history in brazilian´s post-Bolsonaro times

Abstract: This article inquires about a possible conception of art based on Bolsonaroism assumptions that set a true inquisition against plural and diverse art during the period from 2019 to 2022, even though its roots were seeded a little earlier. This ideology culminates in the attacks in Brasilia on January 8, 2023.

Key-words: *ideology, bolsonarism, art, Brazilian art*

¹ Doutorando na linha de pesquisa Arte, Sujeito e Cidade do PPGARTES-UERJ. Mestre em ciência da literatura (Teoria Literária) pela Faculdade de Letras da UFRJ. Vem estudando as relações entre as seguintes áreas: artes, história da arte, teatro, cinema e literatura.

Em um texto publicado no site do Prêmio PIPA¹, Luis Camillo Osório questiona o debate sobre a moralização entre arte e política ao confrontar uma exposição sobre o artista expressionista Emil Nolde e a sua relação com o regime nazista. Segundo o texto, em 2013, após uma mudança na direção da Fundação Ada e Emil Nolde, foram disponibilizados mais de 25 mil documentos para dois pesquisadores se debruçarem sobre uma revisão histórica de como o pintor teria, após o fim da 2ª guerra, criado uma espécie empreitada, trabalhando para apagar sua afinidade ideológica com o Terceiro Reich. Osório, entretanto, não simplifica o debate e propõe complexificar o tema. Como pode um artista como Nodle participar com dois quadros na exposição de *Arte Degenerada*, aquela organizada pelos nazistas – como exemplo de arte a ser rechaçada em contraponto ao ideal neoclássico - e ao mesmo tempo ser alinhado ao seu pensamento? *Pode uma obra mostrar algo diferente da intenção do artista?* Ao analisar a exposição a partir dessa complexidade das relações entre o artista e sua obra refletimos também sobre as interseções entre arte, política e história.

E se por um exercício de pensamento relacionássemos as considerações trazidas por Osório para os acontecimentos que culminaram na depredação do patrimônio histórico e artístico em Brasília no dia 08 de janeiro deste recém-chegado 2023? Seria possível refletirmos sobre essas mesmas interseções baseados numa concepção de arte defendida pelos ideais bolsonaristas? Teriam estes alguma concepção sobre arte? Que formas de arte defendiam? É preciso destacar alguns momentos que antecedem o ataque à Praça dos Três Poderes para identificarmos como se construiu um ideal artístico que propunha o nacionalismo e o elitismo como bases de um projeto cultural que, embora exaltasse o patriotismo nacional e os “mitos fundantes”, escondia uma concepção ideológica baseada no etnocentrismo e na imposição de um ideal romântico do século XIX semelhante ao de Gonçalves Dias em *A Canção do Exílio* ou no elogio acrítico aos Bandeirantes. Esses momentos seriam: 1) o discurso com trechos nazistas proferidos por Roberto Alvim em janeiro de 2020, 2) a remoção do quadro *Orixás* (1960) de Djanira no final de 2020, 3) a instalação do painel do artista Heinz Budweg com título da campanha de Bolsonaro às eleições em novembro de 2021, e, finalmente, 4) as perfurações realizadas no qua-

1 OSÓRIO, Luis Camillo. Uma biografia degenerada: Emil Nolde e o nazismo. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/>

dro *As Mulatas* de Di Cavalcanti (1962) e o furto da escultura *Bailarina* (1920) de Victor Brecheret (posteriormente encontrada no chão da Câmara de Deputados) no dia seguinte ao ataque.

Guerra cultural e o delírio de uma arte clássica nazista do Terceiro Mundo

Ao ser eleito, o ex-presidente Jair Bolsonaro anunciou a extinção do Ministério da Cultura, sendo suas atribuições incorporadas ao recém-criado Ministério da Cidadania, que absorveu também a estrutura do Ministério do Esporte e do Ministério do Desenvolvimento Social. Em 7 de novembro de 2019, a Secretaria Especial da Cultura foi transferida para a pasta de Turismo e Roberto Alvim tomou posse como secretário. Esse movimento inicial, em si, já demonstrou o peso que seu governo daria à cultura: extinguindo seu Ministério e transferindo sua atuação entre as pastas o que conseqüentemente levou à redução dela à uma secretaria especial.

Um dos argumentos mais utilizados na campanha eleitoral de 2018 foi o da moralidade e dos bons costumes, sempre atijando no imaginário popular a ideia de que a esquerda era detentora de uma espécie de “degeneração” das artes. Foi o que vimos com parlamentares como Alexandre Frota invadindo o MAM no Ibirapuera contra a performance de Wagner Schwartz, *La Bête*, na abertura da mostra Panorama da Arte Brasileira. O caso aconteceu em 26 de setembro de 2017, ou seja, um ano antes das eleições. Manifestantes seguravam cartazes com dizeres: “pedofilia é crime” e “contra a pedofilia e a erotização infantil”. Em nota², o MAM esclareceu o episódio que se deu a partir de uma imagem que circulou amplamente nas redes sociais de uma criança próxima ao corpo nu de Schwartz, elucidando que todo protocolo museológico foi tomado: com um aviso prévio sobre a nudez e a participação de menores de idade sendo permitida somente com a presença dos responsáveis. A nota argumentou ainda que a performance não possuía caráter erótico e seria uma releitura da obra *Bichos* de Lygia Clark, o que justificaria a interatividade com o artista. Outra exposição que sofreu ataques também no mesmo ano foi a *Queermuseu* ocorrida em Porto Alegre no Santander Cultural. Devido a inúmeras acusações infundadas de apologia à pedofilia, à zoofilia e ao vilipêndio religioso – a exposição, que utilizava recursos públicos – foi inter-

2 Ver em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/predio-do-mam-no-ibirapuera-e-alvo-de-manifestacao/>

rompida por decisão dos organizadores e retomada posteriormente com um financiamento coletivo. Como responder à afronta da performance *La Bête* e a exposição *Queermuseu*? A resposta estaria em nomear Roberto Alvim para secretaria especial da Cultura.

Diretor de teatro carioca que traçou uma carreira em São Paulo, Alvim propôs uma espécie de conservadorismo nas artes valorizando “os grandes mestres do passado”. Conforme afirmou em entrevista à *Folha* em 28 de julho de 2019: “O meu conservadorismo na arte significa ter amor profundo às grandes realizações dos mestres do passado. E tentar criar hoje obras de grandeza equivalente”. E ainda: “Nunca um poema vagabundo contemporâneo vai ter a mesma grandeza de Shakespeare” (ALVIM, 2019). Esse desprezo ao contemporâneo e a ode à tradição eurocêntrica clássica ganhava freios disfarçados de “patriotismo idealizado” ao valorizar os “mitos fundantes” da civilização brasileira que supostamente pretendia atender aos anseios conservadores dessa parte específica da sociedade. Conforme ficou claro no pronunciamento do vídeo institucional que anunciou o Prêmio Nacional das artes em 17/01/2020, motivo de sua demissão. Uma categoria do Prêmio inclusive iria contemplar as “óperas brasileiras”, nitidamente identificando a “qualidade artística” com a cultura erudita. Ao se apropriar do discurso de Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda na Alemanha Nazista entre 1933 e 1945, o diretor teatral não só usou trechos como reenceenou a postura e o cenário substituindo a foto de Hitler pela de Bolsonaro e utilizou a ópera *Lohengrin* de Richard Wagner.

Alvim afirmou que a pedido do ex-presidente assumiu a pasta com o compromisso de cuidar para que a “cultura que não destruísse, mas salvasse a nossa juventude”, já que “a cultura é a base da pátria. Quando a cultura adoece, o povo adoece junto” (ALVIM, 2019)³. São nítidas as relações entre uma ideia de *Arte Degenerada* assim como proposta por Goebbels em 1937, exposição que reunia obras de artistas modernos ao lado de fotografias de pessoas com deficiência nos hospitais. A lógica de associar a forma estética moderna/contemporânea ao que é enfermo, imoral, indecente ou indecoroso parece ser a mesma tanto em Goebbels como em Alvim, que termina parafraseando o ministro de Hitler:

3 ALVIM, Roberto. Entrevista concedida a Folha de São Paulo em 28/07/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br>



Figura 1
Bruno Bentolila, Sem
Título, 2023, colagem
Photoshop

A arte brasileira da próxima década, será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo - ou então não será nada (ALVIM, 2019).

A resposta à “degeneração artística da esquerda” foi a retirada do quadro de *Orixás* (1960), de Djanira da Motta e Silva do Palácio do Planalto em dezembro de 2019, conforme texto de Rubens Valente para a Revis-

ta Piauí⁴. Uma demonstração clara de como o então presidente entendia o espaço público como extensão de sua casa, aquilo que Lilia Schawarcz chamou de patrimonialismo⁵ – o uso abusivo do Estado para fins privados – e uma intencional deturpação do sentido de laicidade do Estado para a perseguição das religiões de matriz africana e a valorização do cristianismo como espécie de nova imposição de catequese jesuítica, o “Deus acima de todos”, *deutschland über alles* nazista revivificado por Bolsonaro em sua campanha.

Heinz Budweg – um bandeirante das artes no Brasil

Em um vídeo publicado nas redes sociais do ex-presidente brasileiro em 11 de novembro de 2021, vemos um casal apresentando ao público um painel relativamente grande intitulado “*O Brasil acima de tudo e Deus acima de todos*”, o mesmo slogan da campanha do ex-presidente em 2018. O quadro foi realizado pelo artista plástico Heinz Friedrich Budweg, um alemão com nacionalidade brasileira e a obra ganhou lugar de destaque no Palácio do Planalto. No vídeo, Bolsonaro diz que irá deixar o trabalho em local aberto ao público para mostrar o que seria uma “arte de verdade”. A pergunta que fica é: teria ela sido poupada pelos atos de vandalismo em 08 de janeiro?

Em um texto organizado e assinado por um jornalista/músico-compositor chamado Mário Sérgio Barroso e disponível na internet⁶, Budweg é considerado pela opinião crítica “um bandeirante das artes” e um exímio representante dos antigos viajantes do século XVIII, mesmo que seu estilo seja enquadrado na “linha pós-expressionista”. Segundo o texto, sua pintura capturaria o “gorjeio dos pássaros silvestres” e a sua maestria estaria no contato humano e direto com os povos originários – que o texto insiste em chamar de “índios”, em saber “extrair deles o que restou de pureza e inocência ancestrais e primitivas” – em captar “a beleza expressionista dos gestos da vida vegetal e humana e o olhar (triste) e duro dos homens da selva”. Esse texto é atribuído a Olney Krüse – Membro da Associação

4 VALENTE, Rubens. O exílio dos orixás. Revista Piauí em 21 agosto de 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-exilio-dos-orixas/>

5 Ver: SCHWARCZ, Lilia Mortiz. Sobre o Autoritarismo Brasileiro. Ed. Companhia das Letras, 2019.

6 BARROSO, Mário Sérgio. Heinz Budweg - Agabe Werajecupê - Ao eternamente sublime, verdadeiro e belo. SP, 2016.

Brasileira de Críticos de Arte em 1995. E vai além: “*Os índios que ele [Budweg] conhece e retrata já não são antropófagos e nem trocam, com o homem branco, cocares por espelinhos. Índios, no Brasil, querem, em tempos de Internet, é telefone celular*” (BARROSO, 2016, pg. 16).

Além de preconceituoso com os povos indígenas, o texto analisa o trabalho de Budweg através de uma perspectiva colonial e eurocentrada como se ele fosse o homem do iluminismo que estaria trazendo a grandeza de sua arte para os “primitivos” que são destacados em sua exotividade. Embora o artista alemão já tenha recebido o prêmio Jabuti do Instituto Nacional do Livro (INL), pelas ilustrações da série de livros infantis “*Lendas Brasileiras*” e a Ordem “*Cavaleiro das Artes Plásticas*” pela Academia Brasileira de Arte, Cultura e História (ABACH), seu trabalho parece não ter recebido devida atenção crítica e aparenta flutuar entre um saudosismo acadêmico e o ostracismo da forma, já que as questões de nossos tempos são desconsideradas. O texto sobre o artista fala em “descobrimto do Brasil”, para se ter uma ideia. Considerado o herdeiro da tradição naturalística alemã no Brasil, em uma linha que o liga à artistas como Rugendas, Grimm e o geógrafo Alexander von Humboldt, Budweg recebe a melhor descrição no material organizado por Mário Barroso sobre seu trabalho através do jornalista Günther Ballhausen:

Os quadros de Budweg são quadros pacíficos, aquarelas, desenhos e pinturas, bicos... onde o artista elimina a agitação humana, os contrastes socioeconômicos e as angústias do mundo atual. Quem nos fala são os indígenas e seu mundo intocado pelo homem civilizado. (BARROSO, 2016. Pág. 20).

Essa perfeita descrição de “eliminação dos contrastes socioeconômicos” cai como uma luva no projeto de governo bolsonarista de negação da história, onde a cultura, a religião, a ciência, o meio ambiente e a arte pretendem transparecer uma única coisa: a imposição de uma filosofia totalitária, onde não há espaço para o divergente. Segundo o bolsonarismo, não há fome nem racismo no Brasil: responsabilidade essa da esquerda que teria implementado no país uma divisão do mundo entre homens e mulheres, negros e brancos, indígenas e não indígenas, pobres e ricos. Esse apagamento por sua vez beneficiou aos homens brancos, ricos e héteros - já que estes sempre foram privilegiados e viveram verdadeiros “anos de ouro” durante o período de 2019-2022.

Destruição do status quo e a arte revolucionária

O ataque golpista em 08 de janeiro de 2023 ficará marcado também como um ataque ao patrimônio histórico e artístico brasileiro. Obras de arte como *As Mulatas* e *Bailarina* de Di Cavalcanti e Brecheret foram danificadas. O senso comum e a ignorância dos vândalos que invadiram as instituições pedindo intervenção militar e a anulação das eleições coaduna com a ideia de que a arte moderna seria uma espécie de antiarte, tão impregnados pelo senso de representação figurativa da realidade que sempre nos educou. Segundo Osório, não podemos moralizar o debate, assim como seria impossível não reconhecer a importância do trabalho de Nolde para o expressionismo alemão. Um bom estudo de caso brasileiro estaria em Nelson Rodrigues, por exemplo.

O maior dramaturgo brasileiro sintetiza o contraste entre obra e as intenções do artista. Essa premissa vai no sentido contrário do texto de Flora Sussekind⁷ que procurou analisar estritamente o trabalho do dramaturgo já indicada na nota inicial: “Em nenhum momento houve o desejo de aproximação com relação a declarações, opiniões relativas à própria obra ou qualquer outra intenção manifesta do autor estudado” (Sussekind, 1977, pág. 7). Flora investiga a ideia aristotélica de entimema (importância do raciocínio entimemático pode assim ser ligada ao jogo do implícito e do explícito que ocorre nas situações de comunicação, entre aquilo que foi dito e aquilo que é completado pelo espectador) nas frases com fundo falso de algumas das principais peças de Nelson. Defensor ferrenho da ditadura militar, suas peças promoveram uma profunda transformação na escrita e encenação teatral em nosso país, ao tornar épicas histórias do subúrbio carioca e fazê-las parecer como as tragédias gregas ou as peças de Shakespeare. Nelson viveu em sua obra essa grande dualidade: já que suas peças evidenciavam a hipocrisia e moral dos bons costumes ao colapsar suas personagens com os delírios provocados por essa repressão (social, sexual). As personalidades conservadoras quase sempre escondiam os desejos mais perversos. Como as irmãs em *Dorotéia* (1949) que vivem em uma casa sem quartos, já que o quarto guarda a mácula da luxúria ou as mãos em *Senhora dos Afogados* (1947), que simbolizam atos muito mais

7 Ver: Sussekind, Flora. Nelson Rodrigues e o fundo falso. Introdução ao teatro jesuítico no Brasil, Milton João Bacarelli. Brasília, Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Documentação e Divulgação, 1977.

obscenos que qualquer outra parte do corpo. Embora tenha feito uso da “persona-Nelson-reacionário”, era contra a tortura e só acreditou que o regime militar torturava pessoas quando ouviu da boca de seu próprio filho, Nelsinho, que havia sido torturado barbaramente pelos militares.

Boris Groys em seu texto *Sobre o ativismo político*⁸ identifica a *teoria kenótica* como metáfora para se pensar a arte moderna e contemporânea. A *Kenótica* ou *kenosis* é uma doutrina teológica do esvaziamento do logos divino, uma teologia que está relacionada à divindade de Cristo, mais precisamente em como “ele deixou de lado a sua glória sem perder sua natureza divina”⁹. Para Groys, a arte moderna e contemporânea transformou as coisas funcionais em disfuncionais, esvaziou o sentido elevado e grandiloquente das artes do passado, da tradição clássica. Ainda para o autor, o fascismo é o cumprimento do movimento “arte-pela-arte”, já que enxerga “artisticidade” apenas em obras que evoquem a ideia de dom e talento, desconsiderando o irregular, o acaso ou o divergente. Impossível observar em Di Cavalcanti qualquer qualidade artística sem considerá-lo um possível farsante, alguém que “não saberia pintar” comparado à Heinz Budweg, que estaria mais alinhado com aquilo que Groys chamou de estabilização do *status quo* – que será totalmente ineficaz para a transformação política da arte. Em contraponto, cada ação direcionada à destruição do *status quo* acabará por obter sucesso. (Exceto a destruição do Planalto com pedido de anulação das eleições!). A destruição para o professor e pesquisador pode ser interna ao fazer artístico ou mesmo uma destruição *ipsis litteris*. Assim, uma arte politicamente engajada caminharia para estetização total, que não apenas “não impediria a ação política, mas criaria um horizonte definitivo para uma ação política bem-sucedida se esta tiver uma perspectiva revolucionária” (GROYS, 2017. Pág. 16).

A destruição metaforizada por Groys pode ser concretamente entendida através dos recentes atos contra os monumentos históricos dos Bandeirantes ou a estátua de Borba Gato e possuem uma pauta definida: *destruir aqueles símbolos que sempre oprimiram as minorias*. Escovar a história à contrapelo como Benjamin descreveu significaria revisar a ideia de mo-

8 Ver: GROYS, Boris. Sobre ativismo político. Artigo traduzido e publicado em: <https://periodicos.uff.br/poesis/article/view/2004/1663>, 2016.

9 Ver em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Kenosis>

numento a partir da história oficial. A eficácia da destruição da Praça dos Três Poderes em Brasília, ao contrário, não tem nada de revolucionário. Só serviu para evidenciar a frustração de um projeto cultural neofacista que já nasceu fracassado e perpetuar aquilo que o projeto cultural dos últimos anos demonstrou: a destruição da cultura diversa e heterogênea, de tudo aquilo que resiste às contradições totalitárias e capitalistas assombradas por um fantasma do comunismo que insiste em amedrontar.

Referências Bibliográficas

BARROSO, Mário Sérgio. Heinz Budweg - *Agabe Werajecupê - Ao eternamente sublime, verdadeiro e belo*. SP, 2016.

BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. IN: *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. Vol. 1. Ed. Brasiliense, 1994.

GROYS, Boris. Sobre ativismo político. Artigo traduzido e publicado em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/2004/1663>, 2016.

OSÓRIO, Luis Camillo. *Uma biografia degenerada: Emil Nolde e o nazismo*. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/>

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*. Ed. Companhia das Letras, 2019.

SUSSEKIND, Flora. *Nelson Rodrigues e o fundo falso. Introdução ao teatro jesuítico no Brasil*, Milton João Bacarelli. Brasília, Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Documentação e Divulgação, 1977.

VALENTE, Rubens. O exílio dos orixás. Revista Piauí em 21 agosto de 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-exilio-dos-orixas/>

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

